

Largo do Corro, em Portalegre

PORTALEGRE

Já descrevemos n'este semanario alguns dos principaes monumentos de Portalegre, a saber: o *Templo da Sé Cathedral*, o *Tumulo do bispo D. Jorge de Mello*, e o *Hospital da Santa Casa da Misericordia*. Continuaremos a resenha dos que ainda julgâmos dignos de particular noticia, como são os conventos de *S. Francisco, Santa Clara* e *Santo Agostinho*. Trataremos successivamente de cada um d'estes objectos como pede não só a natureza do assumpto, mas a indole do *Archivo*.

I

CONVENTO DE S. FRANCISCO

Olha para a cidade, ficando em uma de suas extremidades, em sitio levantado, no arrabalde, fóra dos antigos muros da praça. É um bello edificio, que não parece residencia de frades mendicantes, por ter a sua fabrica um certo cunho de grandeza.

Tem amplas officinas, dormitorios altos e desafogados, cellas commodas, templo espaçoso, boa cêrca, muita e excellente agua.

É occupado em parte pelo destacamento de tropa que faz a guarnição da cidade; e em parte por uma fabrica de rolhas de cortiça, de um negociante inglez, o sr. Jorge Robinson, que tambem aqui tem os depositos da materia prima d'esta industria.

Era este convento um dos mais antigos não só da provincia, mas do paiz; não póde, porém, determinar-se o anno da fundação, porque a luz da historia não allumia tão longe. Crê fr. Jeronymo de Belem que tivera seu principio no reinado de D. Sancho II, isto é, entre os annos de 1228 e 1245 [1]; fr. Apollinario da Conceição, entre os annos de 1228 e 1275 [1]; e o padre João Baptista de Castro assigna-lhe o anno de 1265 [2]. Difficil nos parece demonstrar qualquer dos assertos, porque escasseiam documentos que os abonem.

[1] *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves, etc.*, parte I, liv. IV, cap. II, pag. 144.

O que póde asseverar-se desassombradamente é que el-rei D. Affonso III o contemplou em seu testamento com um legado de cincoenta libras [3], e que tambem o beneficiára el-rei D. Diniz [4], attribuindo-se a permanencia do escudo das armas reaes na capella-mór á recordação da munificencia dos dois soberanos [5].

Se a tão longe remonta a epocha da fundação, a tempos modernos se deve referir a da sua restauração; porque não passa de 1720 a do convento, sendo anterior um anno apenas a da egreja [6]. É um formoso templo, dos melhores que possuia a ordem. As novas edificações alteraram a fórma das antigas, e, o que peior foi, apagaram os vestigios de alguns monumentos que as condecoravam, acabando por sumir outros as profanações e desamparo a que esteve exposto depois da extincção das ordens religiosas. Fôra padroeiro da capella-mór Gonçalo Rodrigues de Sousa, que com seu pae, Ruy de Sousa, se achou na famosa acção do palanque de Tanger em outubro de 1439 [7], e acompanhou o conde D. Duarte de Menezes a Castella por mandado do infante D. Pedro, regente do reino, em soccorro do mestre de Alcantara contra os infantes de Aragão [8]. Foi commendador de Niza, Idanha, Alpalhão e Montalvão, na ordem de

[1] *Claustro franciscano erecto no dominio da coroa portugueza, etc.*
[2] *Mappa de Portugal*, tomo II, pag. 126.
[3] *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza*, tomo I, pag. 56.
[4] *Chronica seraphica*, liv. cit.
[5] *Chronica seraphica*, liv. cit.
[6] *Chronica seraphica*, liv. cit.
[7] *Chronica do senhor rey D. Duarte*, escripta por Ruy de Pina (*Ineditos de historia portugueza*, tomo I, pag. 118).
[8] *Chronica do conde D. Duarte de Menezes*, de Ruy de Pina, (*Ineditos de historia portugueza*, tomo III, pag. 87).

Christo, do conselho del-rei D. Affonso V, e seu capitão de ginetes [1].

Debalde se procura hoje o sarcophago que encerrava as cinzas d'este valente capitão; esmigalharam-n'o os modernos alanos que em 1834 assolaram o reino.

Escapou, felizmente, á furia d'estes barbaros demolidores o mausoléo de Gaspar Fragoso, que crêmos filho d'aquelle Antonio Fragoso, de cujas façanhas e gentilezas nos deixou noticia Gaspar Corrêa nas *Lendas da India* [2].

Está este monumento em uma capella do cruzeiro, abandonada e sem culto, mettido na parede, debaixo de uma abobada semicircular, á mão esquerda de quem entra.

É um tumulo de bello marmore de Estremoz, de doze palmos de comprimento e oito de altura, singelamente cinzelado. Sobre elle está deitado de costas um guerreiro vestido de completa armadura antiga, apoiando os pés contra um leão.

Lê-se na face anterior do tumulo o epitaphio seguinte, entalhado no marmore, como em uma tarja, cujas extremidades sustentam nas mãos dois anjos em baixo relêvo:

S. DE. GASPAR. FRAGOSO.
CAVALº. FIDALGO. DA. CASA. DEL. REI. N. S. PADROEIRO.
QVE. FOI. DESTA. CAPELA EM. SVA. VIDA. MANDOV. REPAI
RAR. E. FAZER. ESTE. RETAVOLO. MORREO. DIA. DE. S. FILIPE E. SÃT.º
1571
Requiescat in Pace
Amen

Existe ainda outro monumento sepulchral, resguardado por um estrado de madeira, que constitue o supedaneo do altar da Senhora da Piedade. É uma formosa campa de marmore, assente sobre tres leões, com o brazão de armas dos Sousas Tavares primorosamente gravado. Tem o seguinte epitaphio:

S. DE. NVNO. VAZ. DE. SOVZA. TA
VARES. QVE. ACABOV. SEVS DIAS.
O. DERADEIRO. DOVTVBRO. AÑO. DE.
1555

Após esta inscripção, e como em continuação d'ella, se lê a seguinte:

E. QVE. SERA'.
DE. ANDRÉ DE. SOVSA.
SEV. FILHO. E. DE.
SEVS. HERDEIROS.
O. QVAL. MANDOV. FAZER. ESTA. CA
PELA. DE. NOSSA. S. DA. PIEDADE.
A. D. 1567.

Era Nuno Vaz de Sousa Tavares filho de Gaspar Vaz do Peral e D. Joanna de Sousa, neto de Pedro Tavares, ultimo alcaide-mór de Portalegre, da familia dos Tavares, e um dos cabos principaes que capitanearam a frota que foi á mallograda empreza de Tanger no reinado de D. Duarte, e de D. Isabel de Sousa, filha de Gonçalo Rodrigues de Sousa, que n'esta desastrosa facção teve tambem uma parte importante [3].

André de Sousa Tavares, filho do antecedente, serviu na India, e foi commendador da ordem de Aviz [4].

Inclinemo-nos reverentes ante as cinzas dos filhos d'esses heroes, que tão celebrado fizeram o nome portuguez na India e na Africa; e se, por mofina, já não imitâmos n'essas longinquas plagas os prodigios de patriotismo e de galhardia que n'ellas obraram, conservemos ao menos em bom recado os monumentos que nos recordam as glorias d'esses nomes famosos.

Á entrada do templo, mas fóra da porta, á direita de quem entra, acha-se embebida na parede uma lapida com inscripção latina em caracteres gothicos bem legiveis. Refere a noticia da doação de varias propriedades feita por Pedr-Eannes e sua mulher, Maria Domingues, para a fundação de um hospital que servisse de refugio e soccorro aos pobres, do qual seriam administradores o guardião e frades do convento. Tem a era de 1312, que corresponde á de Christo 1274.

1 *Historia genealogica da casa real, etc.*, tomo XII, parte I, pag. 521
2 *Lendas da India*, tomo I, parte II, pag. 883.
3 *Chronica do senhor rey D. Duarte* cit., pag. 143.
4 *Historia genealogica da casa real, etc.*, tomo XII, parte I, pag. 253.

N'este convento de S. Francisco morou nos ultimos tempos fr. José de Nossa Senhora do Cabo Roquete, conhecido tanto dentro como fóra de Portugal pelo nome de José Ignacio Roquete, eminente sabio e litterato, que tantos serviços tem feito ao paiz com seus preciosos escriptos.

II

CONVENTO DE SANTA CLARA

É edificio de mesquinha apparencia, nada tendo que o recommende ao exame dos curiosos, á excepção do claustro, que é uma formosa quadra, em parte sustentada por arcos em ogiva e pilares delgados; bello specimen da architectura da epocha.

O dormitorio é amplo, mas desabrigado; as officinas acanhadas; a egreja de fabrica singela. O conjuncto da edificação mostra que n'ella se observaram as prescripções da regra seraphica, recommendando em tudo pobreza.

Se nada, porém, offerece digno de exame ao amante das bellas artes, á excepção do claustro, convida, ainda assim, a alguns momentos de reflexão o que preza o estudo da historia patria, porque n'ella grangeou grande nomeada a personagem que mais concorreu para a fundação d'esta casa.

Houve entre nós uma rainha, que por seus crimes atrocissimos provocou tão geral e diuturna animadversão, que não valeu a extinguil-a ou attenual-a o volver de cinco longos seculos. Lucrecia Borgia portugueza a denomina um dos nossos historiadores modernos.

Foi esta rainha D. Leonor Telles de Menezes, a quem se deve a definitiva fundação do convento, que teve seu principio em 1376 [1], cumulando-o de beneficios com mão generosa, solicitando del-rei D. Fernando os que dependiam immediatamente de sua real munificencia, e confirmando-os depois, como rainha governadora, por seu alvará de 16 de novembro de 1383 [2].

Acreditaria acaso D. Leonor Telles de Menezes que pela protecção e amparo que liberalisava ao mosteiro alcançaria a remissão dos attentados a que a arrojára a sua perversidade?

Acreditava; porque n'esse tempo era geral a crença de que os maiores crimes se remiam por este genero de expiações. E porventura a lembrança d'esta acção piedosa lhe tornaria menos pungentes os remorsos de suas iniquidades, e mais toleraveis as angustias e desconfortos do exilio.

Foi, em verdade, D. Leonor Telles de Menezes muito criminosa, mas foi tambem muito desgraçada. Se attingiu o cume das grandezas humanas, logrando opulencia, honras, distincções, prazeres, todas as delicias de um poder illimitado, todas as prerogativas de uma realeza esplendida, os seus erros e os seus crimes, precipitando-a de tamanhas alturas no mais profundo abysmo da miseria, levaram-n'a a curtir as privações da indigencia na solidão de um carcere, longe da patria, sem que uma unica mão amiga se lhe estendesse para a consolar!

Morreu desterrada, presa e aborrecida de portuguezes e castelhanos, em Tordesilhas, a 27 de abril de 1386 [3].

É o convento de Santa Clara de Portalegre o segundo que d'esta ordem se fundou na provincia do Alemtejo. Tinha capacidade para receber sessenta religiosas, e este era o numero prefixo pela respectiva auctoridade para as profissões; hoje habitam-n'o sete freiras, e já velhas e doentes. Agasalham, porém, ca-

1 *Chronica seraphica*, parte II, liv. VI., cap. I, pag 3.—O P. João Baptista de Castro (*Mappa de Portugal*, tomo II, pag. 128) assignala á fundação o anno de 1389; é, porém, forçoso convir que, se não houve erro de imprensa, houve-o de chronologia, porque n'esse anno já era fallecida D. Leonor.
2 *Chronica seraphica*, liv. cit.
3 *Historia genealogica da casa real, etc.*, tomo I, pag 426.

ridosamente algumas meninas pobres, que se empregam no serviço do côro, e as coadjuvam nos actos de communidade, e outras mulheres desvalidas, a quem soccorrem no que podem.

III

CONVENTO DE SANTO AGOSTINHO

Pertencia á reforma dos agostinhos descalços, que principiou em 2 de abril de 1663, introduzida pela religiosa piedade da sr.ª D. Luiza de Gusmão, rainha de Portugal, mulher del-rei D. João IV. Foi fundado vinte annos depois d'esta reforma, em 1683, segundo testifica o padre João Baptista de Castro [1].

Occupa uma das extremidades da cidade, entre a porta de Alegrete e a torre do Peceguciro, com vistas dilatadas para as hortas, olivaes e planicie adjacente.

Não chegou a concluir-se a edificação, porque falta o lanço que devia correr ao longo de uma das ilhargas da rua do Visconde de Castello Branco; é, porém, ainda assim, uma boa casa, sendo muito para ver e notar os restos da egreja (hoje armazem de madeiras) que escaparam á furia dos demolidores.

Os retabolos dos tres altares eram de preciosos marmores com optimas esculpturas, os quaes foram vendidos por uma quantia modica (doze moedas), havendo custado alguns contos de réis!

Depois da extincção das ordens religiosas foi aproveitado para a collocação de varias repartições publicas.

Alli foi estabelecida a eschola de instrucção primaria, que foi a principio de ensino mutuo e hoje é de ensino simultaneo. Occupa o pavimento superior ao da egreja, que é amplo; e se fosse mais illuminado, abrindo-lhe duas janellas em seguida á unica existente, poderia considerar-se uma boa casa de eschola.

Aqui tem sua séde tambem a administração do concelho e a conservatoria, a repartição do escrivão de fazenda, a estação telegraphica, o tribunal de justiça e a cadeia.

Ha um recinto ajardinado, com tanque e repuxo de agua no centro, que serve de passeio aos presos a quem a auctoridade judicial permitte este genero de diversão, quando a requerem os interesses de sua saude.

Dentro do recinto das muralhas, nas ruas do Castello, e dos Besteiros, principalmente, é que em tempos antigos residiam os esclarecidos membros da nobreza de Portalegre, denunciando-nos ainda hoje o acanhado e humilde de suas moradas, a lhaneza e simplicidade do viver d'esses tempos.

Do seculo passado apenas data a fundação dos edificios nobres que representa a estampa, situados fóra dos muros, no largo do Corro, um dos principaes da cidade, os quaes pertencem ao sr. conde de Avillez, e ao sr. Diogo da Fonseca Tavares Accioli Coutinho. No ultimo acha-se encorporada a casa em que residiu a mãe do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Iria Gonçalves do Carvalhal.

Mágoa é que se não conservasse na sua pristina fórma tão importante monumento, a residencia modesta d'aquella excellente matrona, com o seu portal de volta e janella de ogiva, como ainda muitos dos presentes a conheceram.

El-rei D. João I, que sobremaneira se comprazia em honrar e favorecer Iria Gonçalves do Carvalhal, por carta feita em Portalegre a 30 de julho da era 1423, que é o anno de 1385 (no qual empunhou o sceptro), lhe fez, entre outras mercês, a do quinto que elle tinha em Portalegre e Alegrete [2].

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

[1] *Mappa de Portugal*, tomo II, pag. 55.
[2] *Historia genealogica, etc.*, tomo V., pag. 91.

PARIS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1867

(Vid. pag. 129)

VI

CRECHE DE SANTA MARIA, NO PARQUE DO CAMPO DE MARTE
CRECHE DE S. VICENTE DE PAULO, NA CIDADE DO PORTO

D'entre as variadas maravilhas que se admiram no parque do campo de Marte, umas produzidas pela acção espontanea da natureza, outras devidas ao genio e trabalho do homem, sobresae um edificio, não pelas suas dimensões, que não são grandes, nem pela ousadia ou riqueza da construcção, que é modesta, nem pela variedade e belleza da construcção, pois que tudo n'elle revela simplicidade, mas sim pela instituição eminentemente humanitaria e civilisadora que encerra em si.

Por mais afeitos que venham os olhos do viajante a enlevarem-se extasiados diante de tantas construcções grandiosas e esplendidas, á vista de tantos prodigios da industria humana e de tantas riquezas naturaes, hão de sentir-se attrahidos e presos, sem dúvida, attentando no letreiro gravado na frontaria do pequeno e singelo edificio a que alludimos. *Creche de Santa Maria*, diz aquelle letreiro; e n'essas tres palavras está indicada uma das creações que mais honram o seculo actual.

Foram instituidas as creches em Paris para recolhimento, conforto, vigilancia e educação das criancinhas que, em quanto suas mães se vêem obrigadas a irem trabalhar nas fabricas para ganharem o pão quotidiano, ficam sósinhas nos seus miseraveis berços, fechadas em casa e expostas a muitos perigos, ou entregues á guarda de pessoas descuidosas e sem carinho.

Deve a França a mr. Marbeau a idéa inicial de tão caridosa instituição; e tambem lhe deve ver realisada essa idéa, porque foram principalmente os seus esforços e diligencias que alcançaram reunir os subscriptores necessarios para levar a effeito esta fundação.

Inaugurou-se, pois, a primeira creche no reinado de Luiz Filippe, correndo o anno de 1844. Ao presente conta a cidade de Paris 17 creches dentro das suas barreiras e 3 nos suburbios.

Em uma capital como Paris, tão vasta e populosa, não é crivel que esse numero de asylos possa occorrer a todas as necessidades para que foram creados. Todavia, apesar de que haja motivo para lastimar que, em um paiz tão prospero e de tanta illustração, não tenha attingido esta instituição, ao cabo de 23 annos, todo o desenvolvimento de que é susceptivel e que o bem publico reclama, é certo que vae progredindo e augmentando, embora lentamente, sob a direcção intelligente e cheia de zelo e actividade do seu illustre fundador.

Os membros da sociedade das creches contribuem annualmente com a quantia de 6 francos, e com a de 40 francos por uma só vez, no acto da sua admissão, destinados para a compra de um berço e respectiva roupa.

Não se julgue, porém, que os fins d'esta instituição se reduzem unicamente a velar pelas crianças para que lhes não aconteça algum perigo durante o tempo em que suas mães as deixam em casa em completo abandono ou quasi privadas de cuidados. O pensamento de mr. Marbeau elevou-se a maior altura, abrangendo os interesses moraes a par dos physicos.

Além do risco de algum accidente imprevisto a que as crianças assim ficam expostas, ha outro perigo para ellas de tanta mais gravidade, quanto é certo e inevitavel, e terriveis as suas consequencias para o individuo e para a sociedade. Consiste este perigo no embrutecimento d'aquellas almas infantis.

Que importa que o corpo d'essas infelizes crianças, preservado pela mão da Providencia de accidentes sinistros, viva e vigore n'essa triste solidão, se a luz da alma se lhe amortece á mingoa dos carinhos maternaes, que só elles podem alimental-a e dar-lhe brilho?

N'essa quadra da nossa vida, em que as necessidades se succedem umas ás outras, como os minutos no correr das horas; e em que não sabemos exprimil-as senão por essa linguagem mysteriosa comprehendida unicamente pelo amor maternal, a falta dos desvelos e carinhos não póde deixar de influir maleficamente no desenvolvimento das faculdades intellectuaes, assim como nos bons instinctos do coração.

Se esses pequeninos seres se expandem alegres no meio das caricias que lhes adivinham e satisfazem as necessidades; se, a seu turno, se applicam e se esforçam para comprehender as palavras que saem, entre sorrisos e meiguices, dos labios maternos; se d'est'arte começam a exercitar a intelligencia e a aprender a amar antes de saber o que seja amor; que triste sorte deve ser a d'aquelles a quem nas faxas infantis tudo isto falta! Que desamparo para o corpo, que solidão e que trevas para o espirito! E depois baldado esforço será o que tentar remediar os effeitos de similhante falta. Se não são completamente impossiveis, são, pelo menos, difficilimas taes regenerações.

Refere mr. Marbeau, como prova d'essa difficuldade, a historia de uma criança que elle recolheu na sua creche, tendo de edade tres annos. Era orphão, e a avó, com quem vivia, deixava-o sósinho fechado em casa, durante o dia, em quanto ella ia ganhar pelo trabalho os escassos meios para a sua miseravel subsistencia. A criança estava fraca, doente, e sobre tudo embrutecida, inteiramente estupida. Todavia, a seiva n'essa edade não está extincta, mas apenas como que adormecida. Qual não foi, portanto, a alegria d'aquelle pae adoptivo, vendo, ao cabo de alguns dias, rebentar a seiva e reverdecer a planta! A vista dos seus pequenos companheiros da creche, animou-se a criança e vieram alegrar-lhe o rosto os seus primeiros sorrisos. Em breve comprehendeu os cuidados e desvelos com que a tratavam. Voltou-lhe a saude dentro de pouco tempo, e de envolta com a saude vieram a alegria e a intelligencia, surgindo de uma origem commum. Foi, por conseguinte, um ente reconquistado para a vida social.

«Seis mezes mais tarde, exclama mr. Marbeau, em conclusão d'esta historia, talvez que fôra baldado empenho procurar a seiva, já então extincta. Tendo d'esse modo desapparecido o ser humano, apenas acharia o animal irracional.»

A fundação das creches occorre, portanto, com efficaz remedio a este grande mal. Depositando alli os seus filhinhos, as mães podem ir para o seu trabalho diario tranquillas e satisfeitas, porque o seu coração fica desassombrado do peso de serios cuidados; e as suas saudades são alliviadas duas vezes no dia, quando, nas horas da refeição e descanço, vão ás creches amamentar seus filhos. E as crianças ahi vão achar berço e roupas lavadas em que repoisem; braços carinhosos que as apertem suavemente contra peitos compassivos, e que as passeiem; meiguices que respondam aos seus sorrisos; vozes affaveis que lhes ensinem a pronunciar os doces nomes de pae e mãe; companheiros da mesma tenra edade, que lhes despertem a attenção e a alegria; em fim, pessoas cheias de zêlo e dedicação, que os dirijam e auxiliem nos primeiros passos, cercando-os de todo o genero de desvelos e caricias.

O edificio da *creche de Santa Maria*, que se vê no parque do campo de Marte, é um novo modelo inventado por mr. Julio Delbruk, membro da sociedade das creches.

Como construcção, reune as condições apreciaveis de muita simplicidade, e, por conseguinte, de barateza de mão de obra, sem excluir a elegancia; e da necessaria commodidade e resguardo interiormente. Porém no que mr. Delbruk fez consistir a sua principal invenção foi no modo pratico de ensinar e habilitar as crianças a andar sem auxilio de pessoa alguma, e sem o perigo das quédas proprias de similhantes ensaios, quando lhes é mister apoiarem-se nos moveis de uma casa.

Interiormente o centro do edificio é occupado por uma sala, em volta da qual estão dispostos os berços com os seus cortinados. No meio da sala ha um grande movel de madeira, e que tambem póde ser feito de vimes, o qual representa uma galeria circular, composta de duas ordens de grades de pau, de altura tal que uma criança que principia a andar possa deitar os braços por cima das ditas grades, tendo estas entre si o espaço apenas bastante para a criança se mover sem difficuldade, apoiando-se de ambos os lados. A criança, com o seu admiravel instincto, vendo-se assim apoiada, e por conseguinte cheia de confiança, entra com maior afoitesa n'estas primeiras lides da vida. Se por acaso cae, as suas pequeninas mãos, deslisando-se por ambos os lados da galeria, amparam-n'a na quéda, e fazem com que fique sentada e direita. E logo, agarrando-se ás duas grades, facilmente se levanta, e recomeça alegre nos seus exercicios.

Assim que as crianças acordam, se estão na edade propria, tiram-n'as dos berços para aquelle primeiro campo de actividade, onde acham um asylo contra quaesquer perigos, uma eschola e seguro apoio para os seus primeiros passos no mundo, um logar de folgança, de regozijo e de sociabilidade infantil; e finalmente uma casa de jantar, onde uma unica mulher póde dar de comer a muitas crianças, sem inconveniente, antes com promptidão e aceio.

No anno de 1852 estabeleceu-se na cidade do Porto a primeira creche que possuiu o nosso paiz, e, infelizmente, ainda hoje é a unica existente entre nós! Cabe ao fallecido philanthropo João Vicente Martins, natural de Lisboa, a honra de haver introduzido n'aquella cidade uma instituição de tanta utilidade.

A *creche de S. Vicente de Paulo*, que assim se denomina o caridoso estabelecimento portuense, foi installada aos 21 de novembro do referido anno na praça do Laranjal, na casa que é actualmente propriedade e habitação do sr. Antonio Bernardo Ferreira. A inauguração da creche foi feita com solemnidade, assistindo á ceremonia e lançando a benção o bispo do Porto, D. Jeronymo.

No primeiro anno foi sustentada á custa do fundador, que já tinha adquirido jus ao respeito e gratidão dos seus compatriotas, por muitos outros actos de caridade praticados no Brasil, durante a sua residencia n'aquelle imperio. Depois organisou-se uma sociedade com o titulo de *Associação da creche de S. Vicente de Paulo*, que administra e provê á sustentação do estabelecimento.

Conta esta casa 20 berços, e o seu movimento diario é de 18 a 20 crianças, que ahi são alimentadas e vigiadas durante o dia, excepto nos domingos e dias sanctificados, em que as não recebe.

As principaes condições da sua acceitação consistem em serem sadias, baptisadas e vaccinadas; em não excederem a edade de quatro annos; em se verem obrigadas as suas mães a procurar o trabalho fóra de suas habitações, devendo ir alimentar os filhos, que forem de mama, pelo menos duas vezes por dia.

Os socios pagam annualmente, cada um, 500 réis, annuidade que podem remir, entrando no cofre da associação com 5$000 réis por uma só vez.

Presentemente, por effeito de esmolas da caridade publica, possue esta benemerita associação um fundo de 4:200$000 réis em inscripções.

A despeza annual regula entre 450 a 500$000 réis, em que se comprehendem o aluguer da casa, ordenados dos empregados e comedorias para as crianças.

É, na verdade, muito para sentir que uma instituição tão benefica, e que tão importantes resultados devia produzir em um paiz como o nosso, onde o grande desenvolvimento da industria fabril dá emprego a milhares de mães, que a miseria obriga a irem trabalhar longe das suas moradas, deixando ahi os filhinhos em triste abandono, durante as longas horas de um dia de verão, é muito para sentir, repetimos, que ao cabo de quinze annos uma tal instituição se ache como no momento em que a iniciativa patriotica e civilisadora de um simples particular a introduziu n'este reino! I. DE VILHENA BARBOSA.

O CONDE DE FERREIRA

(Conclusão. Vid. pag. 145)

II

Joaquim Ferreira dos Santos, barão de Ferreira em 7 de outubro de 1842, visconde em 21 de junho de 1843, e conde em 6 de agosto de 1850, commendador da ordem de Christo, par do reino, gran-cruz da ordem hespanhola de Isabel a Catholica, havia nascido em 4 de outubro de 1782. Estas distincções, que os orgulhosos do mundo tem por uso esculpir nos nobiliarios, não serão para nós motivo de applauso. Quando os collares e as fitas se atiram ás rebatinhas, um conde de mais ou de menos não é facto de



Creche de Santa Maria, no parque do campo de Marte, em Paris

grande monta. O que é serio e grave, o que as chancellarias não referendam, o que os poderes publicos não decretam, o que a magnanimidade dos patricios não solicita, são esses diplomas que a posteridade passa e confere aos que fizeram o bem, diplomas que trazem por sêllos pendentes as obras prestadias e os legados uteis. É n'este ultimo caso que considerâmos o conde de Ferreira.

Além dos actos meritorios da sua vida, actos de que já démos testimunho citando a apreciação de um jornal esclarecido, além d'esses e sobre esses realça, como cupula soberba, o seu testamento, talvez o mais notavel de quantos tem havido. Este testamento é retrato, é effigie; quem o firmou está n'elle de frente e em boa luz; vê-se-lhe em cheio a physionomia, ampla e desassombrada. N'aquelle papel reflecte-se uma alma sem rugas, um coração sem incertezas.

Vejamol-o.

N'este documento ha duas faces distinctas; na primeira está o amigo e na outra o cidadão. Deixaremos de parte esses valiosos legados em que o conde de Ferreira deu prova de affecto para com os seus intimos: recordemos só aquelles que dizem respeito ao bem geral. N'este numero sobrelevam os seguintes:

«Para construir e mobilar 120 escholas primarias para ambos os sexos, nas terras do reino que forem cabeças de concelho, todas por uma mesma planta e com accommodação para vivenda do professor, até 1:200$000 réis cada uma, 144:000$000.

«Á santa casa da misericordia da cidade do Porto, obrigando-se ella a manter uma enfermaria que não tenha menos de vinte enfermos permanentes, tratados homœopathicamente, 20:000$000.

«O remanescente da sua fortuna destinado para a fundação e dotação de um hospital de alienados.»

Entre as numerosas disposições testamentarias do conde de Ferreira, são estas tres as de maior significação e alcance.

Cento e vinte escholas no reino. Sabem todos o que esta determinação representa? Representa cento e vinte raios de luz a desparzirem-se por onde a escuridão é mais densa, por onde as brenhas são mais inaccessiveis. Quando o paiz, embebido n'outros cuidados, descura o ensino primario, a educação popular, o amanho inicial dos que nada produzem porque nada sabem: quando o galeão alquebrado da politica eleitoral e compadresca traz em faina a matalotagem estropeada; quando as bordaduras e recamos da diplomacia consomem o tempo e a inventiva dos modernos *comes sacraram largitionum*, um homem só tenta preencher a lacuna immensa, e estabelecer cento e vinte escholas, quer dizer, cento e vinte pharoes n'este mar um tanto aparcellado da nossa instrucção publica.

A organisação de uma enfermaria para os doentes

serem tratados homœopathicamente, importa um largo desassombro de espirito. Não sabemos quaes as predilecções therapeuthicas do conde de Ferreira; o que sabemos, porém, é que, no momento em que a velha medicina principia a cambalear aos assomos d'est'outra invasão germanica, quando a intolerancia dos *cursos legaes* repulsa e condemna os apostolos que prégam uma outra doutrina, abrir a liça aos contendores e deixal-os em certame leal é indicio de uma razão penetrante e lucida. Demais, não será iniquo sujeitar os que carecem dos desvelos medicos que a caridade faculta a um systema exclusivo, que muitas vezes póde ser odioso para o enfermo? Crê ou morre, Hypocrates ou a cova! homœopathas ao circo! A clausula testamentaria do conde de Ferreira é a primeira palavra de tolerancia.

Isto, pelo que me respeita, não é paraphrasear as chufas bocagianas, nem bater com a ponta da lança no broquel que a allopathia pendura á porta das suas pharmacias; respeito as crenças dos que juram sobre o formulario vetusto, como dos que se curvam ante os novos codigos revolucionarios: é este mesmo respeito que me obriga a ver no procedimento do conde de Ferreira um facto digno de memorar-se.

A fundação e dotação de um hospital para alienados completa a grandiosa trilogia de caridade, que nós tivemos em vista fazer sobresair nos outros actos do nosso grande compatriota: Escusado é dar vulto a esta dotação que remata o testamento do conde de Ferreira; as galas do estilo não fariam mais bello o que é já de si mais que bello, porque é bom, porque é util, porque é humanitario.

N'estas breves palavras deixâmos firmada a nossa consideração pela memoria de um homem, que devia de ser modelo para os filhos queridos da fortuna, para os mimosos da sorte.

Outros primarão pelos arrojos de uma phantasia mais emprehendedora, darão espaços mais vistosos aos vôos da sua musa commercial, farão silvar mais alto o carro das suas explorações ruidosas, agitarão com o seu tridente as ondas do cambio, e porão em assombro o mundo das cotações, das percentagens: o que nenhum fará como elle é atirar com a sua fazenda aos naufragos do mundo, e fazer prancha de salvação do que quasi sempre é jugo oppressivo.

Vem ainda a proposito citar n'este logar as palavras de um homem cuja auctoridade invocámos no começo d'esta noticia: «*Le commerçant digne de ce nom, est celui dont les spéculations et les entreprises n'ont pour object que le bien public, et dont les effets rejaillissent sur la nation.*

Estas palavras parecem talhadas de molde para o conde de Ferreira; ajustam-se perfeitamente no seu caracter. Quando a França, pela boca do seu historiographo, endeusa os Fontaine-des-Montées, os Massons, os Mouchards e tantos outros, por haverem convertido o seu credito em alavanca a bem do estado, com maior razão poderemos nós gravar o nome do conde de Ferreira na lista brilhante d'esses homens que as gerações abençoam, e que se chamam Coram ou Vicente de Paulo.

Joaquim Ferreira dos Santos morreu a 24 de março de 1866, contando perto de 84 annos. O seu cadaver foi depositado na egreja da Trindade, e ahi a piedade christã rociou com as ultimas gotas de agua lustral o ataúde d'aquelle a quem Deus teria de certo enviado o seu anjo na hora do passamento. Além do convite feito pelos testamenteiros, o commissario dos estudos do districto convidou tambem os professores de ensino publico a assistirem aos officios. As primeiras flores do reconhecimento rebentavam em volta d'aquelle tumulo, tumulo cuja pedra seria mais tarde regada pelas lagrimas de tantos a quem elle havia dado o pão do corpo e o pão do espirito. E. A. VIDAL.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 124)

Na mesma parede da capella-mór de Santa Maria do Olival, proximo do mausoléo do bispo D. Diogo Pinheiro, estão os restos mortaes de D. Gil Martins, primeiro mestre da ordem militar de Christo. Este insigne varão, que tão bons serviços prestou ao paiz e ás duas ordens de cavallaria de que foi mestre, a de Aviz e a de Christo, depois de jazer perto de dois seculos em um tumulo de pedra, foi tirado do sepulchro, e este desfeito, no primeiro quartel do seculo XVI, por occasião das obras que se fizeram na egreja, como dissemos em outro logar, e em seguida o depositaram na referida parede, embebendo n'ella a lapida que continha o seu epitaphio. É este, em letra gothica, e diz que «alli jaz Dom Gil Martins, primeiro mestre da cavallaria da ordem de Jesus Christo, que foi irmão da ordem de Aviz, e mestre da cavallaria d'essa ordem, o qual se finou em sexta-feira, 13 de novembro de 1359, após muitos merecimentos. Deus o leve para o seu glorioso reino, etc.»

A era é a de Cesar, que corresponde ao anno do nascimento de Christo de 1321.

Fazemos memoria unicamente do primeiro mestre portuguez da ordem do Templo, e do primeiro mestre da ordem de Christo, porque os limites d'este jornal, e os variados assumptos que é mister tratar n'esta serie de artigos, não nos permittem que nos occupemos dos outros mestres das duas referidas ordens, que jazem n'este templo em logar sabido ou duvidoso, bem como de mais algumas pessoas notaveis que ahi tem sepultura.

Defronte da fachada da egreja, tres ou quatro metros afastada do adro, levanta-se uma torre quadrada, que mostra bem visivelmente ser obra de duas epochas mui distantes entre si. A parte mais antiga eleva-se do solo até metade da altura do edificio. Esta parte é, sem dúvida, coeva com a fundação do visinho templo. É toda construida de cantaria tostada e carcomida pelo correr dos seculos. Além de uma porta, baixa e muito estreita, de fórma ogival, praticada na face que olha para o templo, não tem nem apresenta signaes de ter tido outra porta ou janella.

A metade superior do edificio foi accrescentada por ordem del-rei D. João III, com o fim de apropriar a construcção dos templarios a uma torre de sinos. E por essa occasião, provavelmente, apearam a cantaria que formava as ameias, com as quaes se completava o aspecto guerreiro da torre primitiva. Essas pedras, cuja feição particular as não deixa confundir com quaesquer outras destinadas a differente serviço, acham-se presentemente parte d'ellas meio enterradas no chão, unidas umas ás outras e encostadas ao envasamento da mesma torre de ambos os lados da porta; e outra parte no adro da egreja, tambem collocadas contra a parede d'esta, aos lados da porta principal, onde servem de assentos.

A coroa de ameias que outr'ora lhe cingiu o eirado; a porta, tão baixa e estreita que apenas cabe por ella uma pessoa, que se for nutrida será obrigada a entrar de ilharga; a falta de janellas ou frestas; e, finalmente, a muita grossura das paredes, provam, em nossa opinião, exuberantemente, que fôra edificada esta torre para servir de fortaleza.

Como os templarios abandonassem o castello de Ceras durante a construcção da egreja de Santa Maria do Olival, passando a fundar o castello de Thomar do outro lado do rio, levantaram, certamente, aquella torre para servir de asylo e defensa, no caso de subita aggressão de moiros, aos cavalleiros que então se

achassem no serviço d'aquelle templo, e moradores no convento que lhe era contiguo.

Não faça dúvida a falta de capacidade da torre para conter uma guarnição numerosa; nem cause estranheza que, passando-se os templarios para a margem opposta do rio, quizessem conservar a sua primeira morada á custa de tantos perigos para os cavalleiros a quem a confiavam.

Para o pequeno numero de templarios dedicados ao serviço da egreja de Santa Maria do Olival, era a torre sufficiente logar de abrigo, e não só sufficiente, mas tambem o mais accommodado para uma resistencia, cujos defensores eram poucos. Perto d'alli ficavam, é certo, terras de moiros, do que resultava continuas e inopinadas correrias. Porém n'essas aggressões imprevistas não se apresentava o inimigo em grande força, pois que o seu fim não era conquistar, mas tão sómente roubar e destruir as povoações indefesas, e matar ou fazer captivos os christãos inermes que caiam em seu poder. Para taes inimigos era a torre bastante forte; e além d'isso, se a hoste sarracena se obstinasse em combatel-a, o soccorro não se faria esperar por muito tempo, sendo este logar e seus edificios vistos do castello de Thomar desafogadamente.

Quando sobrevinha invasão de exercito poderoso, os rumores dos apercebimentos de guerra, dando rebate no territorio christão, eram como o grito de «álerta», que a todos punha em guarda. Tanto a tropa como o povo se acolhiam então aos castellos e fortalezas, e os sacerdotes ahi se refugiavam tambem, levando comsigo os vasos sagrados e as imagens santas dos templos.

A razão dos templarios quererem conservar a todo o transe a sua egreja de Santa Maria do Olival, não obstante achar-se em logar ermo e tão exposto ás invasões dos infieis, já a expozemos em outro artigo. Não era só em memoria de ser aquella a primeira egreja que a ordem erigiu em Portugal, mas tambem pela veneração em que tinham o logar sanctificado outr'ora pelas virtudes de religiosos exemplarissimos, e pela vida e martyrio de uma virgem santa.

Por todas estas razões os templarios consideravam esta egreja como matriz da ordem, e n'esta qualidade a distinguiram sempre com todas as honras e prerogativas com que lhes foi possivel auctorisal-a por deliberação sua, ou por graça régia e pontificia que solicitaram e obtiveram. Os cavalleiros de Christo, successores e herdeiros dos templarios, conservaram-n'a em todas essas preeminencias, accrescentando-lhe mais algumas.

Assim, pois, a egreja de Santa Maria do Olival foi bailia e matriz de todas as egrejas que a ordem de Christo possuia no reino, nas ilhas, na Africa, na Asia e no Brasil. Gozava das honras de cathedral, tendo ao seu serviço, como se vê em todas as sés, um masseiro com o bastão ou sceptro, e outros com massas de prata. Era isenta da jurisdicção dos bispos, não reconhecendo superior ao seu prelado senão o papa. O seu prior tinha honras de bispo; celebrava pontifical, e usufruia poderes quasi episcopaes na extensa prelazia de Thomar, cujas egrejas eram consideradas como capellas da de Santa Maria do Olival, de sorte que o prior d'esta, sendo-o ao mesmo tempo de todas as outras, punha n'ellas um cura, que nomeava e substituia a seu bel-prazer. Era n'esta egreja que as duas ordens do Templo e de Christo celebravam os seus capitulos e mais solemnidades religiosas, não obstante ficar em muita distancia do castello de Thomar, onde tinham a sua principal residencia, e templo com a sufficiente capacidade para os officios divinos e para o esplendor do culto catholico. Finalmente, tambem a mesma egreja foi escolhida pelas duas opulentas e poderosissimas ordens para servir de pantheão aos seus prelados e aos membros mais distinctos da communidade.

Havia n'esta egreja um livro simillhante ao de Noa do convento de Santa Cruz de Coimbra, no qual se ia commemorando todos os acontecimentos notaveis não só da ordem e do paiz, mas tambem da christandade e do mundo, taes como as fundações da ordem, os obitos dos seus mestres e dos soberanos, as victorias obtidas contra os moiros, o martyrio e a canonisação de santos, terremotos, grandes tempestades, etc., constituindo assim interessantissimos annaes. Este livro, que denominavam *Bezerro*, perdeu-se, infelizmente.

Todas aquellas prerogativas, regalias e usos se conservaram intactos até ao reinado de D. João III. Com a reforma que este soberano introduziu na ordem de Christo, bem como nas outras ordens de cavallaria, assumindo, com auctorisação pontificia, o cargo de grão-mestre de cada uma, e obrigando os cavalleiros de todas á clausura e regularidade conventual, perdeu a agreja de Santa Maria do Olival muito do seu antigo lustre e primazia. Os cavalleiros de Christo, desde então denominados *freires*, obedecendo ao preceito claustral, começaram a exercer o culto e a celebrar as solemnidades da ordem na egreja edificada dentro do castello de Thomar pelos templarios, e reformada e accrescentada por el-rei D. Manuel.

Passou então a egreja de Santa Maria do Olival a ser administrada por um vigario. Não a despojaram, é certo, da preeminencia que até alli desfructára, mas privaram-n'a das pompas do culto, que lhe davam mais vida e auctoridade que os titulos e honras que lhe deixaram. Correram, porém, os tempos; operou-se no paiz a grande revolução social, que lhe mudou as instituições, reformou os costumes e deu novo rumo ás idéas; e a egreja de Santa Maria do Olival viu sumirem-se todos esses titulos e honras no cataclismo que destruiu as ordens religiosas em Portugal.

O templo, que a devoção de tantas gerações circundou de edificios e capellas, como outras tantas egrejas sobre si, acha-se hoje em logar ermo e meio soterrado. É a cabeça das duas ordens mais ricas e mais poderosas que tem havido em o nosso paiz; a insigne matriz de tantas egrejas erigidas na Africa, na Asia, na America e nas ilhas do Oceano, recebeu em troca de tão elevadas prerogativas o modesto titulo de parochia matriz da villa, hoje cidade de Thomar.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

O CANTO DA LAMIA

(Vid. pag. 143)

Até aos sete annos criára-se o menino sempre debil e enfermiço, mas ao chegar a esta edade começou a melhorar notavelmente, e um anno depois era uma das crianças mais sãs e robustas que atravessavam a ribeira do Ibaizabal.

Era na ribeira do Ibaizabal, e não nos altos de Goyerri, onde se encontrava Ignacio a todas as horas do dia, contra a vontade de sua mãe, que receiava lhe succedesse alguma desgraça no rio e se oppunha baldadamente a que alli descesse.

Queria Prudencia que seu filho se affeiçoasse á casa paterna, ás herdades e aos arvoredos que a cercavam, e ás occupações agricolas de seus paes; mas a agua, os barcos e os marinheiros eram o amor dos amores para o menino; não havia para elle campo mais formoso que uma grande extensão de agua, nem habitação mais bella e commoda que um barco, nem sociedade mais agradavel que a dos rudes maritimos curtidos e encanecidos entre as luctas com as tempestades e com os piratas.

Quando sua mãe descia a procural-o em Olaveaga

ou Zorroz-aurre, sempre o encontrava exercitando-se com um remo em alguma canôa, ou trepando ao cesto da gavea de alguma embarcação, ou na coberta d'esta, ou na enfarruscada taberna onde era costume juntar-se a maruja, embevecido com a relação das aventuras de alguns tripulantes.

Se custára a Prudencia grandes penas a criação de seu filho, não eram menores as que lhe custava a ardente affeição do menino á marinhagem. A ambição de uma pobre mãe não póde consistir em que seu filho deixe o lar paterno e passe a vida na solidão e no constante perigo dos mares. Disse qual era a ambição de Prudencia: ver o filho perpetuamente a seu lado, cultivando os campos regados com o amor paterno, e alegrando o lar onde tantas lagrimas se haviam derramado já por elle.

Tinha já Ignacio doze annos, e, graças não á sua applicação, mas á sua natural intelligencia e aos constantes esforços de sua mãe para que fosse á eschola, sabia ler e escrever medianamente.

Nas longas noites de inverno, sua mãe empenhava-se para que lesse em alta voz livros amenos e piedosos, ou livros em que se historiassem as glorias da patria; mas o unico livro que Ignacio queria ler era uma phantastica relação das viagens de Colombo, Elcano e outros navegadores, e alguns romances em que para passatempo do vulgo se phantasiavam incriveis scenas maritimas que exaltavam a imaginação d'aquella pobre criança, que parecia ter vindo ao mundo só para perpetuo tormento de sua terna mãe.

As romanticas e exaggeradas narrações com que diariamente o engodavam os marinheiros, pintando-lhe coisa muito facil o descobrimento e conquista de Eldorados, completavam na imaginação de Ignacio o pernicioso effeito d'aquellas leituras.

Como um dia sua mãe lhe recordasse que estava já em edade de acompanhal-a assiduamente no lavor das herdades e no cuidado do gado, Ignacio respondeu o que sua mãe ha muito tempo receiava: era que não gostava da vida de lavrador, e estava firmemente resolvido a dedicar-se á marinhagem.

Tratou baldadamente Prudencia de dissuadir o filho d'aquella resolução: o filho insistiu n'ella; passaram annos e annos, e Ignacio completou vinte, decidido, como nunca, a trocar a pacifica vida que lhe offereciam os arredores do monte Berriz pela vida turbulenta que lhe offereciam as solidões do Oceano.

O amor que Prudencia dedicava a seu filho, em vez de entibiar-se com a má correspondencia que n'este encontrava, era, pelo contrario, cada vez mais ardente, mais profundo, mais vivo, mais inquebrantavel: Prudencia só vivia para amar a Deus e a seu filho. Se algum amor maternal merecesse o nome de idolatria ou loucura, esse amor devia ser o d'aquella pobre mãe!

IV

Os rogos e as lagrimas de Prudencia não bastaram para que Ignacio deixasse a sua resolução de lançar-se ao Oceano: depois de algumas limitadas navegações pelo mar Cantabrico, que só por limitadissimo tempo privaram Prudencia da companhia de seu filho, sem a qual não podia viver, Ignacio subiu um dia da ribeira para dar a sua mãe a tristissima noticia de que estava resolvido a emprehender uma navegação de alguns mezes. E não foi esta a unica resolução que n'aquelle dia levou ao conhecimento de sua desconsolada mãe: juntava-se tambem a de vender a casa e a herdade onde nascêra e vivêra seu pae até que passou a viver em Aurrecoechea, para comprar com o seu producto um lindo e veleiro naviosito que estava annunciado para venda nas aguas de Zorroz-aurre.

Ás lagrimas e ás súpplicas de sua mãe para que desistisse d'aquella resolução, oppôz Ignacio o seu constante argumento, de que se tivesse de morrer desastradamente, assim morreria em terra como no mar, e assim succedêra a seu pae, que encontrou morte desastrosa nos tranquillos castanheiros de Goyerri.

Prudencia luctou por muito tempo antes de consentir no projecto de seu filho; mas ficou vencida na lucta, e o mais singular é que, embora comprehendesse o indigno procedimento d'aquelle filho, que vendia a casa paterna e afundia sua mãe em immenso pélago de dor só para satisfazer um capricho, o seu amor de mãe, em vez de enfraquecer-se, fortalecia-se cada vez mais com as lagrimas, como sempre succedêra.

Dias depois, Ignacio, radiante de alegria e orgulhoso, dirigia as manobras da tripulação do seu navio, que se preparava para deixar as pacificas aguas do Ibaizabal, em quanto sua mãe chorava sem consolação na praia onde momentos antes, ao separar-se d'ella para se ir embarcar, seu filho lhe dera um frio abraço acompanhado d'estas frias palavras:

— Ora vamos, basta de choramigar, e até d'aqui a seis mezes.

O navio saíu lentamente impellido só pelo vento, porque, como o seu armador e mestre se julgava já um heroe maritimo, não queria descer ao vulgar recurso da sirga! Prudencia não afastava d'elle os olhos quasi cegos pelo pranto, esperando o ultimo olhar e o ultimo signal de despedida de seu filho; mas seu filho desappareceu por detraz do monte do Sepulchro sem se lembrar de volver os olhos para sua desconsolada mãe.

Por aquelles tempos não eram, como hoje, formosos vergeis as planicies de Elorrieta e Zorroz-aurre, que se estendem á direita do Ibaizabal desde a base do monte do Sepulchro até ao alvo e populoso bairro de Olaveaga, que então constava só de uma duzia de casas, e as que hoje são fructiferas herdades e hortas entre alegres vivendas, eram então estereis juncaes onde chegavam as marés.

Com o coração despedaçado atravessou Prudencia os juncaes e subiu lentamente a encosta de Goyerri, dirigindo a cada instante a vista para o noroeste, em procura do baixel em que se afastára seu filho.

Chegando ao castanhal de Aurrecoechea procurou, como sempre que passava por aquelle sitio, um alto castanheiro em cujo tronco se via cravada uma singela cruz de madeira; mas em vez de parar só um instante diante d'aquella cruz para derramar uma lagrima e rezar um Padre Nosso, que era o que costumava fazer, ajoelhou-se junto do castanheiro e regou com o seu abundante pranto o solo regado com o sangue de seu esposo, a quem não chamo desventurado porque fôra mais ditoso que Prudencia. O solo regado com o sangue de Martinho estava n'aquella occasião coberto de florinhas, cuja côr azul parecia recordar a Jerusalem celeste, onde o Todo-Poderoso guarda ineffaveis alegrias para os tristes da terra.

Bemaventurados os que acreditam, disse Christo; e porque Prudencia acreditava, depositou alli as suas dores, no seio de um ente invisivel, e quando se levantou para proseguir o seu caminho para o triste e solitario lar, parecia já completamente consolada e livre d'aquelle horrivel peso.

Ao aproximar-se de sua casa, dirigiu por ultima vez a vista para o noroeste. O sol, que se escondia atraz dos montes das Encartações, banhava de vivissima luz o turbulento pélago que se estende entre o cabo Lucero e o cabo Villano, e ao favor d'aquelle clarissimo resplandor distinguiu e conheceu Prudencia o navio de seu filho; e fitos constantemente os olhos n'elle, permaneceu alli immovel até que o viu desapparecer entre o nevoeiro do horisonte.

Ai! talvez a pobre mãe acreditasse que, ao mesmo tempo, d'aquelle navio alguns olhos anuviados de lagrimas procuravam nos castanhaes de Berriz a alva casa de Aurrecoechea!

(Continúa)